





“Um santuário e um prodígio da natureza”: Teodoro Sampaio, o rio São Francisco e o Santuário de Bom Jesus da Lapa (1879)

Magno Francisco de Jesus Santos

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do ProfHistória da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: magno.santos@ufrn.br

 orcid.org/0000-0002-2218-7772

 dx.doi.org/10.28998/rchv13n26.2022.0009

Recebido em 13/10/2022

Aprovado em 27/10/2022



“Um santuário e um prodígio da natureza”: Teodoro Sampaio, o Rio São Francisco e o Santuário de Bom Jesus da Lapa (1879)

RESUMO

Engenheiro formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Teodoro Sampaio, foi um importante intelectual brasileiro entre o final do século XIX e os primeiros decênios do século XX. Ele teve uma destacada atuação em instituições como os institutos históricos e geográficos de São Paulo e da Bahia, além de ter integrado a Comissão Hidráulica, que entre 1879 e 1880 realizou uma expedição pelo rio São Francisco. Neste artigo tenho como escopo a escrita de Teodoro Sampaio acerca da viagem ao rio São Francisco com foco nas representações atinentes ao Santuário de Bom Jesus da Lapa. Para isso, aciono como fonte o livro “O Rio de São Francisco: trechos de um diário de viagem e a chapada Diamantina” em cotejo com notícias publicadas em jornais e revistas. Com isso, elucido as representações elaboradas no registro do viajante tecido em um contexto no qual o santuário era controlado por leigos.

PALAVRAS-CHAVES: Teodoro Sampaio; Comissão Hidráulica; Bom Jesus da Lapa.

“A sanctuary and a wonder of nature”: Teodoro Sampaio, the São Francisco River and the Bom Jesus da Lapa Sanctuary (1879)

ABSTRACT

An engineer graduated from the Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Teodoro Sampaio was an important Brazilian intellectual between the end of the 19th century and the first decades of the 20th century. He had an outstanding role in institutions such as the historical and geographical institutes of São Paulo and Bahia, in addition to being part of the Hydraulic Commission, which between 1879 and 1880 carried out an expedition along the São Francisco River. In this article, I focus on Teodoro Sampaio's writing about the trip to the São Francisco River, focusing on the representations related to the Bom Jesus da Lapa Sanctuary. For this, I use as a source the book “O Rio de São Francisco: excerpts from a travel diary and the chapada Diamantina” in comparison with news published in newspapers and magazines. With this, I elucidate the representations elaborated in the traveler's record woven in a context in which the sanctuary was controlled by lay people.

KEY-WORDS: Teodoro Sampaio; Hydraulic Commission; Bom Jesus da Lapa.

No dia 21 pelas seis horas da tarde estávamos fundeados diante do Serrote da Lapa em cuja ipueira, ou canal que funciona como baía fluvial, não pudemos entrar com o vapor por ser estreita, ainda que profunda. A Lapa é um santuário e um prodígio da natureza (SAMPAIO, 1905, p. 57).¹

Este texto tem como epígrafe as palavras do engenheiro Teodoro Fernandes Sampaio. Em novembro de 1879, no fim de tarde, em uma pequena embarcação, a Comissão Hidráulica,² dirigida pelo engenheiro norte-americano William Milnor Roberts,³ adentrava o canal que levava ao mais emblemático santuário católico do vale do rio São Francisco. Tratava-se de Bom Jesus da Lapa, cravado nas grutas do chamado Serrote da Lapa, com uma capela moldada pela simbiose entre a natureza e a fé das camadas populares do antigo norte do Brasil. Essa fusão de sentidos foi considerada por Teodoro Sampaio, ao definir a Lapa como “santuário e prodígio da natureza”, acepção que intitula esta análise.

Com isso, parto dessa premissa elaborada pelo intelectual (SIRINELLI, 2007) negro baiano e que de alguma forma evoca para uma questão elucidada por Michel de Certeau, na qual uma obra histórica “participa do movimento através do qual uma sociedade modificou sua relação com a natureza, transformando o natural em utilitário” (CERTEAU, 2006, p. 79-80). Assim, os espaços são transmutados a partir dos seus usos sociais. De algum modo, a gruta do Serrote da Lapa galgou novos sentidos, tanto a partir das práticas devocionais dos romeiros, como também pela própria escrita de Teodoro Sampaio.

Diante do exposto, tenho como escopo a escrita de Teodoro Sampaio acerca da viagem ao rio São Francisco entre 1879 e 1880, com foco nas representações atinentes ao Santuário de Bom Jesus da Lapa. A viagem foi realizada como uma ação da chamada Comissão Hidráulica, que reunia um geólogo e sete engenheiros norte-americanos e

¹ Optei por atualizar a grafia das citações documentais ao longo do texto, mantendo a estrutura original no âmbito dos sinais de pontuação.

² A Comissão Hidráulica do Império, de acordo com Ivoneide de França Costa, “foi organizada através do Aviso nº. 5 de 14 de fevereiro de 1879, por iniciativa do Conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, então Ministro dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. O objetivo da CHI era estudar os possíveis melhoramentos a serem realizados no porto de Santos e as condições de navegabilidade do rio São Francisco” (COSTA, 2013, p. 27).

³ William Milnor Roberts (1810-1881) foi um engenheiro civil nascido na Pensilvânia. Foi membro da Sociedade Americana de Engenheiros, da Instituição de Engenheiros Cívicos e da Sociedade Geográfica Americana (ROBERTS, 1866).

brasileiros.⁴ A comissão tinha como finalidade examinar e informar ao imperador sobre a melhoria dos portos e rios navegáveis do Brasil.

Para isso, aciono como fonte o livro “O Rio de São Francisco: trechos de um diário de viagem e a chapada Diamantina” em cotejo com o relatório elaborado por William Milnor Roberts, engenheiro-chefe da comissão, e com notícias publicadas em jornais e revistas. O diário publicado por Teodoro Sampaio expressa o seu ingresso no campo científico brasileiro, como resultante de sua primeira experiência profissional como engenheiro em uma viagem pelo interior do país. Igualmente, o livro expressa a leitura de um cientista nacional acerca da população e dos espaços do interior do Brasil, no qual registra os usos da natureza pela população que vivia nos sertões brasileiros, notadamente, às margens do São Francisco.

Teodoro Sampaio tem sido um intelectual exaustivamente avalizado nos estudos brasileiros, ora como um pesquisador que fomentou a consolidação das pesquisas geográficas e geológicas (LIMA, 1981; JESUS, 2019; SÁ, 2018), ora como viajante que irrompeu os sertões do norte e do sul do país (COSTA, 2007; COSTA, 2013; SANTANA, 2009), ou ainda como uma liderança política (ALBUQUERQUE, 2015) ou intelectual negro que delimitou as fronteiras do Brasil meridional (SANTOS, 2022). Essas pesquisas corroboram para a compreensão de um sujeito letrado entre os séculos XIX e XX e que viveu as ambivalências de transitar entre as experiências negras no cativo e os fazeres científicos.

Certamente, a partir do último quartel do século XIX, ele se tornou um dos mais atuantes letrados brasileiros com destacada produção intelectual, notadamente nos campos da engenharia, geografia e história. Como nos lembra José Carlos Barreto Santana, no emergir da centúria novecentista, Teodoro Sampaio era “um respeitado estudioso dos temas relacionados à história pátria” (SANTANA, 2002, p. 31). Entre esses estudos que contribuíram para à história pátria certamente encontrava-se “O Rio São Francisco”, que ao longo da primeira metade do século XX teve diferentes edições e era visto como uma obra que despertava o sentimento de nacionalidade.

Diante da relevância de suas contribuições historiográficas e no tocante à literatura de viagem, Teodoro Sampaio tem sido de forma recorrente acionado como fonte

⁴ A Comissão Hidráulica do Império era constituída pelos engenheiros William Milnor Roberts, Antônio Plácido Peixoto do Amarante, Rudolph Wieser, Domingos Sérgio de sabóia e Silva, Alfredo Lisboa, Miguel Lopes Pecegueiro, Teodoro Fernandes Sampaio, Thomaz de Aquino e Castro e João Rocha Pita, além do geólogo Orville Derby (ROBERTS, 1880, p. 1-2).

privilegiada em pesquisas que mobilizam o enfrentamento dos espaços internos do país. Esse foi o caso tanto de investigações sobre a geodésia (SANTOS, CARLOS, 2017), quanto de cidades às margens do rio São Francisco (STEIL, 1996; OLIVEIRA, 2003; VAZ, 2017).

Apesar das relevantes contribuições dessas pesquisas, que sinalizam para a amplitude do campo de atuação do sujeito e ao mesmo tempo elucidam as possibilidades investigativas acerca dos espaços representados em seus escritos, aqui busco apreender o espaço forjado na escrita de Teodoro Sampaio. Com isso, o Santuário de Bom Jesus da Lapa investigado neste artigo é o que foi lavrado pela escrita do engenheiro, nos idos de 1879, ou seja, o sagrado e o natural foram amalgamados pela pena do intelectual.

Apesar de as anotações do engenheiro apresentarem um caráter relativamente sucinto, escrito em poucas páginas, ressalta-se o fato desse registro evidenciar um contexto potencialmente relevante na trajetória do espaço sagrado, pois se trata dos últimos momentos nos quais o templo se encontrava mantido por irmandades (SANTOS, 2015). Com isso, elucidado as representações elaboradas no registro do viajante tecido em um contexto no qual o santuário era controlado por leigos, anterior ao ingresso de ordens religiosas estrangeiras, como os agostinianos e redentoristas.

O texto encontra-se dividido em três momentos. No primeiro, analiso os aspectos centrais atinentes a Teodoro Sampaio, o engenheiro negro que escreveu sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa. Busco discorrer sobre a sua trajetória em articulação com a Comissão Hidráulica do Império, responsável pela viagem de reconhecimento do rio São Francisco entre 1879 e 1880. No segundo momento debruço-me sobre o diário, a partir da mobilização da edição de 1905, publicada pelas Escolas Profissionais Salesianas. Por fim, enveredo pela narrativa de Teodoro Sampaio sobre o Santuário da Lapa, buscando perceber como ele mobilizou os conhecimentos da engenharia para articular natureza e prática social, com a gruta transmutada em santuário. Ao partir dessas observações, é necessário investigar sobre Teodoro Sampaio e a sua inserção na Comissão Hidráulica.

“Um coração verdadeiramente amigo de sua pátria”: Teodoro Sampaio e a Comissão Hidráulica

Teodoro Fernandes Sampaio foi um dos mais proeminentes intelectuais brasileiros do período entre o final do século XIX e o início do XX. No âmbito historiográfico, ele notabilizou-se por suas pesquisas sobre os povos originários

brasileiros, notadamente, no tocante à língua e à toponímia, bem como por suas pesquisas acerca dos espaços do interior da nação. Inserido em algumas das mais atuantes sociedades científicas de seu tempo, como os institutos históricos estaduais da Bahia e de São Paulo, o intelectual era visto como um sujeito que corroborava para o fomento ao patriotismo, fazendo conhecer um Brasil que até então era desconhecido dos brasileiros. Essa prerrogativa esteve presente na apresentação da primeira edição de “O Rio São Francisco” em formato livro nos idos de 1905. Para os padres salesianos, editores do livro de viagem:

Já vai, felizmente, longe o tempo em que reinava o preconceito expresso nesta frase: Não temos livros de leitura nacional, vivemos de traduções! Uma plêiade de talentos robustos, aqui mesmo no Estado, com um brilhantismo aplaudidíssimo, tem ultimamente levado a prelo obras e opúsculos de reconhecido valor didático, com o fim de proporcionar à juventude estudiosa a precisa instrução intelectual de permeio aos mais inefáveis prazeres de um coração verdadeiramente amigo de sua pátria (EDITORES, 1905, p. 01).

Em um texto intitulado “Aos jovens leitores”, os editores ressaltavam algumas dimensões dos possíveis usos do livro escrito por engenheiro-viajante, incluindo a didática, que poderia fomentar aos jovens a formação intelectual. Assim, o autor emergia como um letrado que contribuía para moldar os corações aos sentimentos patrióticos. Era um escritor que corroborava para ampliar a bibliografia cívico-patriótica. Mas quem era esse letrado oitocentista? Para responder a essa questão é preciso considerar o lugar social do historiador, os meandros que entrecruzam a vivência e os fazeres científicos. Para isso, aciono as palavras tecidas pelo próprio autor: “Nasci de pais modestos. O meu progenitor era branco, homem culto de uma família de lavradores, senhores de engenho no Recôncavo de Santo Amaro. A minha mãe era preta, mulher de notável beleza na sua raça. Domingas era o seu nome” (SAMPAIO, 1945, p. 425).

Oriundo de uma família de escravizados e pai branco, Teodoro Sampaio viveu grande parte de sua vida cercado de ambivalências: por um lado, recebeu o financiamento paterno para custear os estudos, algo que possibilitou a formação como engenheiro civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Por outro lado, grande parte dos dividendos obtidos ao longo dos primeiros decênios de trabalho era destinada à compra da alforria de seus irmãos que permaneciam sob o jugo do cativo. Mesmo se tornando um

intelectual propalado nas instituições acadêmicas e tecendo redes de sociabilidades com o próprio imperador, Teodoro Sampaio não conseguiu furtar-se da trajetória atrelada à população negra brasileira imperial: dificuldades em adquirir as cartas de alforria dos familiares e o enfrentamento do racismo que o alijava de galgar espaços privilegiados no cenário profissional.

As informações apresentadas por Teodoro Sampaio que explicitavam sua condição de intelectual baiano e negro foram refirmadas por seus biógrafos. Para Arnaldo Lima:

nasceu, aos 07 dias do mês de janeiro de 1855, nas dependências da Capela do Engenho Canabrava, Freguesia de Nossa Senhora da Ajuda de Bom Jardim, Teodoro, filho natural de Domingas, escrava de Manoel Lopes da Costa Pinto, proprietário do referido engenho (Lima, 1981, p. 01).

No entender de Arnaldo Lima, possivelmente, Teodoro Sampaio era descendente do Padre Manoel Fernandes Sampaio. Essa condição diferenciada possibilitou que o jovem baiano tivesse condições de realizar os seus estudos que o levaria a galgar espaço no cenário intelectual brasileiro. Em seu texto autobiográfico, o engenheiro destacou essa situação: “Em 1865, com dez anos de idade, pois nasci a 7 de janeiro de 1855, levou-me o meu progenitor para o Rio de Janeiro, onde concluí o curso das primeiras letras e estudei os preparatórios do curso secundário no Colégio de São Salvador (SAMPAIO, 1999, p. 425).

Entre 1871 e 1876, Teodoro Sampaio estudou engenharia civil na Escola Politécnica, até então denominada Escola Central do Rio de Janeiro. Durante o curso superior, ele constituiu importantes redes de sociabilidades com homens de letras e tornou-se colaborador de algumas instituições científicas do Império do Brasil, entre as quais, o Museu Nacional. Foi nesta atividade colaborativa que ele conheceu o imperador. Em suas palavras:

Aos 21 anos terminei os meus estudos na Politécnica, em 1876, e, enquanto estudante, colaborei no Museu Nacional, sob a direção de Ladislau Neto, ilustre botânico, com Orville Derby, Lacerda e Almeida, Pizarro, Rodrigues Peixoto, Schwacke, ao tempo em que aí se faziam as conferências científicas a que assistia o Imperador D. Pedro II com uma assiduidade exemplar (SAMPAIO, 1999, p. 425-426).

Essas atividades desenvolvidas ao longo do curso de engenharia e nos primeiros anos após a formação foram relevantes para a constituição de redes de sociabilidades, o que levou a criação de grupos de letrados que nos decênios posteriores iriam protagonizar importantes ações no processo de criação de instituições científicas, como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Para Donald Pierson, a atuação do engenheiro civil nos círculos intelectuais brasileiros pode ser aferida pela amplitude de temas que temáticas que foram mobilizadas em suas pesquisas. Assim, “Teodoro Sampaio tornou-se largamente conhecido e respeitado em todo Brasil, como engenheiro, intelectual e estudioso de linguística” (PIERSON, 1999, 232).

As suas atividades profissionais como engenheiro civil tiveram início em 1878, com a nomeação para integrar a Comissão Hidráulica Imperial, que tinha como missão realizar os estudos acerca dos portos e rios navegáveis do Brasil. A comissão congregava alguns dos principais nomes da engenharia dos Estados Unidos e do Brasil. Tratava-se um trabalho voltado para atender a uma demanda pragmática do momento, mas que também deveria repercutir na formação de profissionais brasileiros que poderiam executar trabalhos similares em outros momentos. Teodoro Sampaio expressou essa conotação em seu texto autobiográfico:

Em 1878, comecei propriamente a minha carreira de engenheiro, como membro da “Comissão Hidráulica” que o governo do Conselheiro Sinimbu organizara para o estudo dos portos e navegação interior, sob a direção de ilustre engenheiro americano, Mr. W. Milnor Roberts, para este fim contratado. A comissão era numerosa, composta de gente escolhida e destinada a dirigir trabalhos futuros deste gênero no país (SAMPAIO, 1999, p. 426).

Nas palavras de Teodoro Sampaio, a criação da comissão revelava um projeto que buscava preparar cientistas brasileiros para a atuação em viagens de exploração pelo interior do Brasil. De algum modo, ao longo da segunda metade do século XIX ainda era vigente a prerrogativa na qual as pesquisas acerca da natureza brasileira continuavam sendo executadas prioritariamente por viajantes e naturistas estrangeiros. Esse cenário permanecia assim mesmo após esforços individuais como o de Antônio Muniz de Souza (SANTOS, 2021) com suas viagens pelos sertões brasileiros ou de projetos institucionais, como o do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que dispendia grande parte de seus recursos para o financiamento de viagens para as zonas de fronteira (GUIMARÃES,

1988). Como Ivoneide Costa nos recorda, a “criação de Comissões para realizar expedições sempre foi uma prática comum nos períodos colonial e imperial” (COSTA, 2013, p. 42)

Entretanto, a configuração de comissões imperiais comandadas por cientistas estrangeiros também foi alvo de críticas por parte da imprensa, que denunciavam a ausência de um retorno dos resultados do investimento, a ausência de relatórios consistentes e, notadamente, a desvalorização dos cientistas nacionais em detrimento dos estrangeiros. Isso ocorreu quando foi divulgada a lista dos integrantes da Comissão Hidráulica Imperial, pelo de ser mais uma comissão instituída sob a liderança de um estrangeiro. Esse foi o caso da notícia publicada na Gazeta de Notícias, no dia de 20 de fevereiro de 1879.

A propósito da comissão hidráulica

Quem refletir, - com um pouco de calma, - sobre as comissões que – de quando em quando – os governos do nosso Brasil organizam para estudos espaciais, facilmente lhe reconhecerá uma pronunciadíssima inclinação – por tudo que é aparatoso e bombástico.

Tivemos, ainda não há muito tempo, os senhores Hart e Haschow. O primeiro para estudos geológicos, e o segundo para melhoramentos de portos.

Agora, como uma confirmação do nosso modo de pensar, aparece nos mais o Senhor William Milner Roberto, com sua comissão hidráulica, segundo dizem os jornais.

Lembramo-nos, que o Senhor Hart, que teve a infelicidade de não tornar a ver o seu país, deixou por terminar a sua missão, constando-nos que um relatório por ele escrito, ainda não foi traduzido, - ou se o foi, ainda até pouco tempo – não se queria pagar a importância da tradução.

O Senhor Haschow limitou-se, como já era de se esperar, a alguns conselhos bem chatos, e lá se foi meio desenfado, depois de ter criado um prêmio de animação, para os pobres colegas brasileiros, que afinal, não lhe pareceram tão ignorantes, como o nosso governo quis lhe fazer acreditar.

Vem agora o Senhor Roberto, encarregado do estudo do porto de Santos e de explorações de rios.

Como já vemos, é uma comissão de luxo; e que, portanto, nos vai custar muito dinheiro, para apresentar-nos, como é fácil de prever, um

resultado idêntico aos das outras igualmente aparatosas (A PROPÓSITO, 1879, p. 4).

O artigo publicado no impresso carioca evidencia um questionamento acerca de importantes aspectos que norteavam a constituição das comissões científicas que realizavam expedições pelo interior do Império do Brasil. A primeira inquietação era no tocante à ausência de resultados significados resultantes desses elevados investimentos, nos quais grande parte dos estrangeiros retornavam aos seus respectivos países de origem e deixavam como produtos de suas ações apenas alguns relatórios de pouco impacto e “conselhos”. Por este ângulo, as comissões demonstravam uma possível ineficiência no processo diagnósticos dos problemas enfrentados no país e uma forte limitação na proposição de possíveis soluções para a realidade observada.

Além disso, o articulista que não assinou o texto também elencou o fato de essas comissões serem consideravelmente onerosas aos cofres públicos. Tratava-se de “um rico fogo de artifício”, com ações aparatosas e sem real impacto na realidade nacional. Assim:

Não devemos, pois, nos espantar que paguemos caro essa caprichosa fantasia. Quem tanta honra nos traz e tão grande nome nos vai dar, bem merece mais da metade dos 67:600\$, em que nos vão ficar os passeios do pessoal técnico da nova comissão, em cada ano, não levando em linha de conta parcela talvez superior que tem de ser despendida com passagens, ajudas de custo, instrumentos, empregados subalternos etc., etc. (A PROPÓSITO, 1879, p. 1).

As propaladas ações das comissões instituídas eram apresentadas como dispendiosas, pois além dos gastos previstos com as viagens de reconhecimento dos espaços, entre as quais estavam inclusas a ida ao rio São Francisco, também deveriam ser considerados outros aspectos que exigiram recursos, como a aquisição dos instrumentos de pesquisa, as ajudas de custo e passagens dos pesquisadores, além dos homens que deveriam auxiliar na pesquisa, com o transporte de equipamentos e o trabalho manual.

Contudo, essa prerrogativa da onerosidade das comissões revelava outra inquietação, talvez a mais relevante de toda a argumentação opositora das viagens científicas efetivadas no Império do Brasil. Era a presença de cientistas estrangeiros nos cargos de direção das comitativas científicas. Essa presença evidenciava a forma pela qual as autoridades políticas avalizavam os pesquisadores nacionais como “ignorantes”. As

comissões emergiam assim. Como uma estratégia de fomentar a formação de um grupo de cientistas nacionais. Sobre a predominância de estrangeiros nos fazeres científicos do país o articulista denunciou:

Demais, é preciso aparecer e para isto venha de fora um vulto especialista, que os que o governo vê aqui, apesar de terem-se aperfeiçoado a expensas suas no estrangeiro, não servem, são de casa; diz o rifão: não fazem milagre, nem vista (...).

Ainda não há muitos dias foi extinta a comissão astronômica composta de gente de cá de casa. Pensamos que foi por efeito da tão apregoada economia, mas vemos agora, que infelizmente outra coisa se deu lugar a suspensão daqueles trabalhos. Talvez um defeitozinho no nome de seu chefe – que é bem fácil de pronunciar-se.

O uso tem estabelecido contra nós: que comissão dirigida por um nome que se pronuncia sem um arranco, para engolir saliva não tem gosto; não presta.

E que temos nós de nos importar com a despesa se de antemão já saboreamos o prazer indefinível ao lembramo-nos que, terminados os trabalhos da interessante comissão poderemos dizer contemplada um volumoso papelório.

“Ah!, gastamos muito é verdade; mas em compensação à figura que fizemos, dispensa-nos de seguir os conselhos, que o sábio nos deixou”
(A PROPÓSITO, 1879, p. 1).

Em um texto repleto de ironias, a presença de estrangeiros na direção das comissões científicas brasileiras era contestada. Em primeiro lugar pelo elevado custo, ou seja, o dobro do investimento que teria caso contasse unicamente com a presença de cientistas nacionais. Em segundo lugar a crítica era decorrente da incoerência do Estado brasileiro que por um lado custeava os estudos de brasileiros em outros países e, por outro, não considerava essa mão-obra qualificada para as demandas dos fazeres científicos no Brasil. Neste sentido, o que era considerado para agregar valor às referidas comissões era a presença de mentes estrangeiras, detentores de nomes impronunciáveis na língua vernácula.

Por fim, o texto elucida a ineficácia das comissões, que resultavam em relatórios, que por sua vez quase sempre permaneciam a espera de traduções e que os mesmos não repercutiam em ações que possibilitassem a melhoria da qualidade dos recursos

investigados. Neste sentido, a eficácia das comissões era associada aos nomes evocados, não aos resultados. Instituir uma comissão era entendido como um ato de política de governo e não como a possibilidade de promover uma política de Estado.

Foi nesse contexto de inquietações entre cientistas nacionais e estrangeiros que Teodoro Sampaio atuou como engenheiro de segunda classe na Comissão Hidráulica do Império. Dessa atuação em um cargo com pouca visibilidade, o letrado acabou por produzir uma importante leitura acerca dos sertões brasileiros observados pelo deslocamento nas águas do rio São Francisco. Com isso, torna-se necessário pensar a escrita do diário.

“Sob a forma de um diário de viagem”: a escrita sobre o rio São Francisco

As experiências da viagem ao rio São Francisco foram registradas por Teodoro Sampaio por meio da escrita de um diário e da produção de desenhos. O diário foi publicado inicialmente na Revista Santa Cruz, entre 1900 e 1902. Tratava-se de um periódico editado pelos salesianos em São Paulo, voltado para questões religiosas, educacionais e patrióticas. De algum modo, o escrito do engenheiro atendia a essas três diretrizes do impresso.

Nestas condições está o livro do sábio engenheiro Dr. Teodoro Sampaio, intitulado o Rio São Francisco e a Chapada Diamantina, em boa hora desentranhado das páginas da brilhante Revista Santa Cruz, para servir de prêmio escolar aos alunos e, para o público em geral, como leitura útil, instrutiva, de reconhecido valor científico e literário, eminentemente nacional (OS EDITORES, 1905, p. XI).

Uma questão a ser considerada no processo de publicação do diário é o longo tempo que separa a viagem, efetivada entre os anos de 1879 e 1880 e a publicação, que no primeiro momento ocorreu de forma seriada nas páginas da Revista Santa Cruz entre 1900 e 1902 e, finalmente, em formato livro nos idos de 1905. Foram vinte e cinco anos que separaram a experiência científica da observação e a fase final de publicação dos resultados. Um lapso temporal difícil de ser explicado, principalmente, se considerarmos a demanda por relatos das viagens científicas em instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Isso resulta em uma questão contextual a ser pensada, pois ao longo desse quarto de século o autor havia se transmutado consideravelmente. Se nos idos de 1879, ao

integrar a comissão, Teodoro Sampaio emergia como um letrado coadjuvante, com o cargo de engenheiro de segunda classe, ao publicar o diário como livro ele já era um visto como um nome consolidado no cenário intelectual brasileiro, com uma ampla atuação no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, integrante de inúmeras comissões de melhoria dos paulistas e um dos fundadores da Faculdade de Engenharia de São Paulo. Neste sentido, temos um deslocamento entre o observador em início de carreira e o escritor de ampla visibilidade.

Outro aspecto relevante a ser considerado a partir da avaliação dos editores no momento de lançamento da primeira edição, era o fato deles considerarem que o livro apresentava uma dimensão pedagógica para “servir de prêmio escolar aos alunos”. Tratava-se, portanto, de um livro que poderia ser mobilizado nos bancos escolares, como uma leitura que iria fomentar o fortalecimento do sentimento patriótico. Mais do que um texto que poderia ser apreciado nas instituições científicas do país, o livro deveria ter como público-alvo alunos e a população em geral. Os editores também explicitaram a estrutura do livro e os recursos que foram mobilizados pelo autor:

Sob a forma de um diário de viagem e em linguagem desataviada mas verdadeira, documentada por trinta e um mapas originais, diz o autor que em seu trabalho destaca apenas algumas notas concernentes à geografia e geologia das regiões banhadas pelo formoso rio, regiões e vales comparados a um vasto cadinho, em que todas as raças representadas na América se fundem ou e amalgamam, e que o fazem exclamar num assomo de justo entusiasmo: “Como é bello esse Brasil Central que tão poucos conhecem e de que nós brasileiros tão ingenuamente nos ufanamos!” (OS EDITORES, 1905, p. XI-XII).

O livro era tido como uma relevante contribuição à formação das novas gerações de brasileiros por apresentar uma linguagem acessível e por constar de uma argumentação pautada em farta documentação, inclusive, a cartográfica oriunda da pena do próprio autor que produzia o seu registro a partir da observação *in loco*. foi entendido como uma carta de apresentação. Além disso, os editores elucidavam o livro como um cartão de visitas aos brasileiros que ainda não conheciam o país. “O Rio de São Francisco” era uma oportunidade mostrar o interior do Brasil aos brasileiros. Era um canto que evocava as belezas da pátria. Assim, os sertões baianos emergiam na escrita do livro o espaço da diferença:

Outra impressão mais colhe-se da leitura do valioso trabalho que ora apresentamos à juventude – o muito que inda há por fazer nesses sertões tão afastados, de escassa habitação e de vida tão diferente da que se vive nas grandes capitais (OS EDITORES, 1905, p. XII).

O livro emergia como o descortinar dos sertões, a apresentação de um espaço no qual a população que vivia nas grandes cidades ainda desconhecia. Essa prerrogativa encontrava-se ancorada em uma definição de sertão, acionado como “espaços afastados” das grandes capitais brasileiras, providos com “população escassa” e vida diferente. Neste sentido, os sertões pensados na apresentação era o espaço do interior, isolado, parcamente povoado e com práticas culturais distintas do que havia no litoral.

Essa concepção de sertão atribuída aos espaços e à população que vivia às margens do rio São Francisco também elucidava um projeto de nação, uma iniciativa de compartilhar um projeto político de futuro (BERSTEIN, 1998). Tratava-se de uma leitura afeiçoada a uma cultura política pautada no sentido da busca por instituir uma civilização nos sertões baianos, conforme pode ser observado na apresentação:

Que de riquezas minerais no subsolo é a flor da terra! Como são numerosos os vastíssimos campos, incultos, despovoados e que, entretanto, renderiam quatrocentos por um! Quanta indústria nova a explorar, à margem de rios caudalosos e lagoas, nas escuras cavernas das montanhas, e nas espessas matas preñes de segredos e das mais inebriantes surpresas para o sábio e para o aventureiro (OS EDITORES, 1905, p. XII).

A descrição do interior do Brasil partia de uma concepção que atenuava uma temporalização do espaço. Como uma cápsula do tempo, o sertão sinalizava a permanência do passado. Era o espaço ainda despovoado, com riquezas intocadas e segredos a serem descobertos pelos sábios. Por ser um reduto do passado, os sertões emergiam como um campo de possibilidades a serem mobilizadas em experiências no futuro. A cultura política pautada no ideal de civilização, tinha como projeto de futuro a exploração dos sertões. O futuro da pátria encontrava-se ancorado na marcha para o interior, na exploração das porções esquecidas e desconhecidas do território nacional:

Estreito ou mesmo esgotado o campo de ação perto de nós, é necessário atirmos nossas vistas e nossos passos para mais longe. Além, nos acenam para o trabalho certo, fecundo, imensamente remunerador em

todos os ramos da atividade humana, da ciência ou da arte, irmãs proliferas porque dia e noite clamam há séculos, em linguagem sublime, os nossos grandes caudais, verdadeiros caminhos que marcham, as nossas matas virgens-oceano de vida, as intérminas campinas verdejantes e um solo tão rico que, já o disse alguém, parece ter veias de ouro e coração adamantino.

Mais do que nenhuma outra, agradou-nos esta feição característica das páginas que se seguem, cuja benemerência desejamos bem acentuar no espírito dos nossos patrícios estudiosos

Nelas o ilustrado autor descrevendo, embora às pressas, aqueles riquíssimos vales e chapadas do norte e interior da Bahia, parece dirigir um apelo aos brios dos herdeiros natos de tantas maravilhas e dizer-lhes: — Oh! jovens, para a magnanimidade do trabalho e para a grandiosidade da messe a colher deveis, desde cedo, preparar o vosso ânimo pelo estudo e pela aplicação mais decidida, afim de vos tornardes cada vez mais dignos da grande pátria que a Providência se dignou outorgar-nos! (OS EDITORES, 1905, p. XII).

O futuro pensado como um horizonte, exigia do povo brasileiro o deslocamento para o interior do país. Os caminhos do tempo histórico nacional se dirigiam para as vastidões dos sertões, das riquezas intocadas, das matas espessas, onde haveria fartura e onde exigiria o trabalho. Com isso, o trabalho humano, pautado nos fazeres científicos e artísticos produziram o futuro do Brasil a partir da exploração dos rincões do interior. Neste interior seco, castigado pelas secas, o rio São Francisco foi pensado por Teodoro Sampaio como espaço da promessa, abrigo de retirantes que fugiam do flagelo das secas. Nas palavras do autor:

O S. Francisco, como um oásis no deserto, através dos sertões adustos da Bahia ao Ceará, de Pernambuco ao Piauí, é, na verdade, a terra da promessa e o refúgio daqueles povos assolados pela seca prolongada e periódica. Penedo demonstrava-o cabalmente com a sua numerosa população de retirantes (SAMPAIO, 1905, p. 11).

É importante considerar que a viagem realizada por Teodoro Sampaio e os demais integrantes da Comissão Hidráulica do Império ocorreu no delicado contexto da grande seca que durou entre 1877 e 1879, na qual grande parte da população que vivia nos sertões do antigo norte do país teve que migrar para o litoral ou para as margens dos

grandes rios, notadamente, o São Francisco. Neste sentido, a viagem ocorreu exatamente no período final da chamada “grande seca” e durante o deslocamento foi possível identificar os retirantes que haviam se deslocado para às margens do rio. Os retirantes registrados na escrita de Teodoro Sampaio no livro foram localizados na cidade alagoana de Penedo:

A população da cidade estava então muito aumentada com a gente emigrada dos sertões assolados pela seca. Viam-se nas ruas muito povo faminto e sem trabalho, levas de mendigos andrajosos esmolando ou estendidos pelo chão à sombra das árvores, homens que foram robustos, belos tipos de uma adaptação admirável, como se foram esqueletos vestidos de couro. A fome que os tinha depauperado e dizimado aos centos, cedera lugar agora á varíola que devorava famílias inteiras destes desgraçados que de tão longe, fugindo às misérias da seca, tinham vindo procurar socorro às margens do grande rio (SAMPAIO, 1905, p. 11).

Sob a pena de Teodoro Sampaio, os danos humanos causados pela grande seca de 1877 galgam uma coloração fantasmagórica, com homens robustos transmutados em esqueletos cobertos de couro. A cidade de Penedo, primeiro ponto de parada da longa viagem pelo rio São Francisco, encontrava-se convertida em cenário de morte, flagelo de homens e mulheres que sucumbiam pela fome e pelas doenças.

Além da analogia da cidade como espaço da morte, Teodoro Sampaio também instituiu a equivalência do rio São Francisco com o Mediterrâneo, como uma estratégia de evidenciar o papel exercido pelo rio no processo de colonização do interior brasileiro. Para o intelectual baiano,

Terminados os estudos do porto de Santos, iniciados e concluídos na primeira metade do sobredito ano, deveríamos dar começo ao estudo da navegação interior pela exploração do rio São Francisco, com razão considerado, o mediterrâneo brasileiro pela sua posição geográfica em relação à zona litoral povoada e enriquecida, e também por proporcionar o seu amplíssimo vale uma linha de comunicações das mais favoráveis entre as regiões centrais e as do norte e sul do país. Conquanto explorado por Halfeld, Liais e outros viajantes que lhe desceram a corrente em anos anteriores, as condições técnicas da navegabilidade do grande rio permaneciam ignoradas e os

melhoramentos propostos bem como as obras destinadas a assegurar os assumiam em alguns espíritos as proporções dos empreendimentos fabulosos. Melhorar a navegação do rio de São Francisco considerava-se então necessidade palpitante, mas se arreceavam todos dos grandes gastos que esse melhoramento havia de acarretar (SAMPAIO, 1905, p. 5-6).

O intelectual baiano não silenciou acerca das experiências de outros viajantes e cientistas que já haviam navegado pelas águas do rio São Francisco. Ao contrário, ele buscou demonstrar que sua escrita era devedora de uma tradição e que alguns apontamentos por ele elencados já haviam sido aludidos por outros homens de ciência, mas permaneciam como propostas ainda desprovidas de efetivação em decorrência da ausência de recursos a serem despendidos. Além disso, o autor também explicou os procedimentos adotados no processo de construção de sua investigação e do resultado de sua escrita:

Não me proponho descrever aqui episódios de viagem, nem dar um roteiro completo da exploração que se estendeu do mar até o coração de Minas Gerais. Destacarei somente do meu diário o que possa mais interessar ao leitor, proporcionando-lhe notas concernentes à geografia, à geologia e ao povoamento das regiões banhadas pelo grande e formoso rio que examinamos. Deixarei, pois, que fale na sua linguagem concisa e desataviada, mas verdadeira, o Diário de Viagem que, se não fora esta Revista, não lograria talvez nunca as honras da publicidade (SAMPAIO, 1905, p. 5-6).

A intenção do autor era produzir um texto sucinto, desprovido de talhes acerca dos bastidores da viagem. A preocupação era apresentar uma versão do diário no qual fosse possível que o leitor identificasse os apontamentos gerais atinentes às suas três grandes áreas que enfeixavam o livro: geografia, geologia e estudos da população. Tratava do registro acerca dos fenômenos geológicos que emolduravam o grande rio, como as colinas e montanhas que pontilhavam as margens.

Contudo, nessa cartografia elaborada ao longo da viagem, registrada tanto pela escrita quanto pela produção de mapas e desenhos, Teodoro Sampaio teceu uma trama na qual o protagonista era o próprio rio. Era o personagem onipresente, que atravessava os sertões e adentrava os rincões do interior da nação. Além disso, o Velho Rio era

personagem de permanência, uma sentinela que guarnecia a história do país:

Pelo amanhecer do dia seguinte começamos avistar as costas arenosas das Alagoas, com as suas dunas alvas, entremeadas do verde escuro de uma vegetação característica, assinalando as alturas do Peba, monótonas nas suas linhas sem ondulação e sem relevo.

Os perigosos baixios de D. Rodrigo e o histórico Cururipe onde outrora naufragara o malogrado primeiro bispo, D. Pedro Sardinha, passaram despercebidos, envoltos como estavam ainda nas brumas da madrugada (SAMPAIO, 1905, p. 7).

Assim como os sertões baianos, a escrita de Teodoro Sampaio também mobilizou a temporalização do rio São Francisco. As águas e as suas margens emergiam como palco da história pátria, onde desenrolaram em tempos idos as cenas da formação nacional. No recurso metonímico do engenheiro, o deslocamento pelo leito do rio remetia à contemplação das cenas do passado. Isso também se deu ao final do mês de agosto, após ter cruzado a cachoeira de Paulo Afonso e vislumbrou as terras que ficavam entre as águas do rio São Francisco e do Vaza-barris: “dominando as paragens do divisor das águas do São Francisco e do Vasa Barris, as terras outrora dominadas pelos Orises, o mesmo aspérrimo país dos jagunços revoltados de Canudos” (SAMPAIO, 1905, p. 26).

Desse modo, se o deslocamento pelos sertões emergia como uma necessidade para forjar o futuro da nação, a contemplação das margens do rio nas proximidades do litoral possibilitava o mergulhar nas cenas do passado. Nesse alinhavar entre tempos e espaços, torna-se necessário avançar para o interior baiano, por meio do registro que elucidava o espaço sacralizado e o presente como uma confluência entre o devir e o porvir. É hora de adentrar o Santuário da Lapa a partir da descrição de Teodoro Sampaio.

“A fé o proclama, a natureza prodigiosamente o serve”: o Santuário da Lapa

Após quatro meses de viagem pelas águas do rio São Francisco, a Comissão Hidráulica adentrava as paragens de Bom Jesus da Lapa, o mais emblemático santuário dos sertões baianos. Tratava-se de uma gruta que abrigava a imagem de Bom Jesus da Lapa, tida pela população ribeirinha do rio São Francisco como miraculosa. A devoção da população sertaneja ao Bom Jesus fez com que a localidade se transmutasse em um importante centro de romaria.

No centro de romaria, Teodoro Sampaio realizou as suas pesquisas no Serrote

da Lapa e na Gruta do Bom Jesus sempre acompanhado pelo geólogo e amigo Orville Adalbert Derby (1851-1915). No diário é perceptível que essa parceria foi recorrente em grande parte das observações realizadas nas comunidades às margens do rio. Assim, as considerações escritas no diário também expressavam as conclusões oriundas das ponderações entre os dois cientistas, que ao longo da viagem avalizavam a geografia do interior brasileiro.

Os primeiros registros de Teodoro Sampaio acerca do Santuário da Lapa elucidavam a existência de um pequeno canal que ligava o rio São Francisco ao templo cravado na gruta. O Ipueira, como era chamado o canal, era acessível apenas por pequenas embarcações, que transportavam comerciantes e romeiros. Para Teodoro Sampaio

As águas da *ipueira* banham-lhe o sopé do lado meridional e a barca do comerciante que jamais passa sem aportar, como a embarcação mais humilde do romeiro que vem de longe e de toda parte, aí encosta rente e deita em terra a sua carga piedosa bem na base do monumento que é, de fato, essa curiosíssima obra da natureza (SAMPAIO, 1905, p. 57).

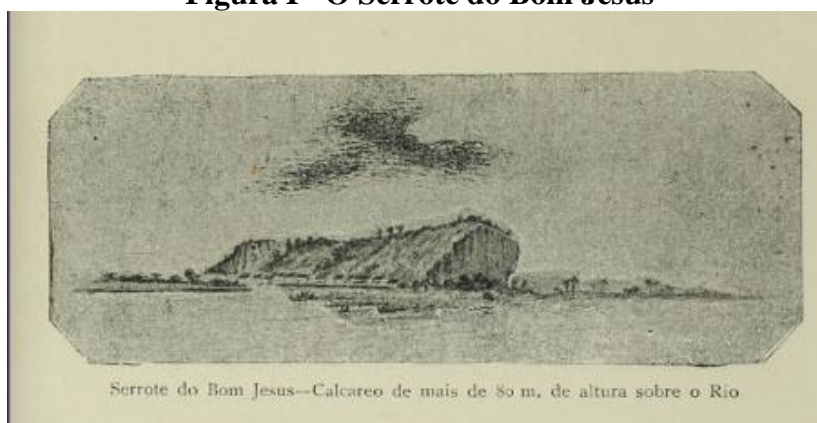
Nas palavras de Teodoro Sampaio, o Santuário de Bom Jesus da Lapa era uma parada obrigatória para os viajantes que navegavam pelas águas do rio São Francisco. Com finalidades comerciais ou devocionais, as pequenas embarcações “jamais” passavam sem aportar no espaço que no entender da população sertaneja era sagrado. O cientista-viajante também ressaltou a diversidade na procedência dos romeiros do Bom Jesus, que “vinham de longe e de toda parte”. Esse argumento sinaliza para a possibilidade de aferir que a devoção ao Bom Jesus não se restringia aos sertões ou à província da Bahia. Ao contrário, a imagem milagrosa atraía romeiros de diferentes partes do país. Neste sentido, no último quartel do século XIX, o elemento central que parecia congrega as levas de romeiros era a questão de classe. O Santuário da Lapa tinha como público principal os mais humildes, a gente pobre que vivia às margens da sociedade.

O engenheiro preocupou-se em registrar a Lapa a partir da confluência entre o espaço de devoção das camadas populares e como obra da natureza. Sobre a primeira dimensão, ele ressaltava que ao desembarcar, os romeiros “deitavam em terra a sua carga piedosa”. A escrita elucidava uma dimensão poética da chegada dos devotos promesseiros e apresenta-se pouco assertiva sobre o que ele poderia ter testemunhado. Afinal esse deitar-se em terra a carga piedosa se referia ao desembarque dos objetos piedosos a serem comercializados na localidade? Seria o desembarque dos ex-votos, as promessas a serem

depositadas no santuário? Ou seriam os corpos dos próprios devotos que se curvavam diante do espaço sagrado? É difícil de aferir qualquer uma dessas possibilidades, mas também não é difícil de imaginar que também é pertinente pensar que pode se tratar de uma articulação entre as três dimensões. Para comerciantes e romeiros, o descortinar do serrote transmutado em santuário deveria promover uma ebulição de sentimentos, o revolver das emoções.

Além da descrição escrita acerca do Santuário da Lapa, Teodoro Sampaio também produziu algumas gravuras, com destaque para o serrote, apresentado em três ângulos distintos. O primeiro deles elucida a paisagem observada no ângulo do leito do rio. Era a imagem que grande parte dos romeiros e comerciantes que adentravam o santuário pelo rio São Francisco avistava ao chegar na terra sagrada, conforme pode ser observado na Figura I:

Figura I - O Serrote do Bom Jesus



Fonte: Ilustração elaborada por Teodoro Sampaio (SAMPAIO, 1905, p. 58).

A ilustração de Teodoro Sampaio buscava elucidar a perspectiva do Serrote do Bom Jesus da Lapa a partir do Rio São Francisco. Ele chamava a atenção para a altura da elevação, com os seus 80 metros que pareciam se impor diante do leito, como uma grande catedral diante da praça. A gravura foi complementada com o texto descritivo acerca da formação rochosa que emergia na margem do rio:

Um monte, ou antes um retalho de montanha calcárea, isolado no meio de uma planície, com a base quase dentro d'água e a cumeada coroadada de cactos e de bromélias espinhentas entremeadas de picos, agulhas, pirâmides, minaretes das mais diversas formas, eis o Serrote da Lapa que visto do lado do rio, parece antes uma lasca de rocha pousada sobre

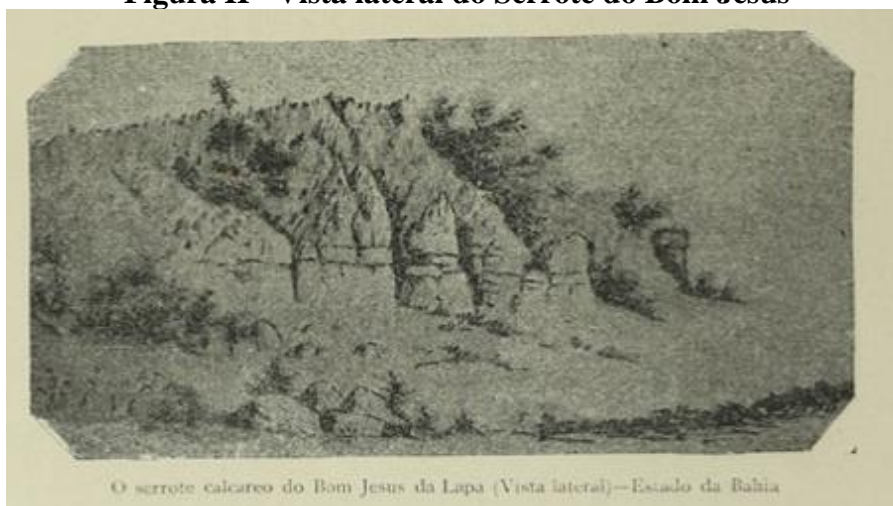
uma mesa, que uma eminência com relevo subordinado á serie orográfica da região a que pertence (SAMPAIO, 1905, p. 57).

À primeira vista, a preocupação central do viajante encontrava-se ancorada na mobilização dos seus saberes constituídos na formação como engenheiro, com a ênfase para a descrição física do Serrote da Lapa. O santuário foi avalizado como uma obra da natureza, um fenômeno que exigia um olhar atento da ciência. Imbuído dessa preocupação, no dia 22 de novembro de 1879 ele resolveu seguir um caminho que era trilhado por parte dos romeiros devotos do Bom Jesus da Lapa: visava subir o serrote. Todavia, a finalidade dessa subida era conhecer a elevação e contemplar a paisagem da região. Para isso, ele realizou o intento provido da companhia de seu amigo, o geólogo Orville Derby e de mais dois guias, homens populares que viviam na localidade e conheciam as difíceis trilhas que permitiam o acesso ao cume da elevação. No diário, Teodoro Sampaio descreveu a subida e a sensação experienciada no cume:

No dia seguinte pelas seis horas da manhã, Mr. Derby e eu tomamos dois guias e começamos a galgar o monte por um dos seus raros pontos acessíveis. Subimos com extrema dificuldade por entre grimpas, arestas vivas e agulhas de pedra através de corredores em labirinto e de cardos, de bromélias e oídigas sem conta. No mais alto do monte que atingimos após quarenta minutos de ascensão arriscadíssima, verificamos não estar esse ponto a mais de 80 metros sobre as águas do rio. Daí descortinamos então um horizonte belíssimo e vasto (SAMPAIO, 1905, p. 58).

Em busca do “horizonte belíssimo e vasto”, os dois cientistas acompanhados dos seus guias enfrentaram a subida íngreme e registraram a flora encontrada nos pedregosos caminhos. Além disso, o engenheiro preocupou-se em registrar a localização de outras povoações e montanhas, que poderiam ser vistas do cume do serrote. Ele também registrou a elevação a partir do ângulo oposto ao rio, como estratégia para possibilitar novos estudos, conforme pode ser observado na Figura II.

Figura II - Vista lateral do Serrote do Bom Jesus



Fonte: Ilustração de Teodoro Sampaio (SAMPAIO, 1905, p. 60).

Contudo, a descrição de Teodoro Sampaio não se limitou aos aspectos topográficos e geológicos da localidade. Ao longo da estadia no Santuário da Lapa, ele também investiu nas práticas devocionais dos romeiros e, notadamente, na descrição da estrutura física do santuário cravado na gruta. A começar pelo registro da entrada da capela, conforme a Figura III:

FIGURA III - Entrada da Capela do Bom Jesus



FONTE: Ilustração de Teodoro Sampaio (SAMPAIO, 1905, p. 42).

A terceira gravura elaborada por Teodoro Sampaio em Bom Jesus da Lapa não registra um elemento natural, mas a entrada da Capela de Bom Jesus. Nele é possível vislumbrar a presença humana, com os romeiros que visitavam o santuário e os esmoleres que clamavam por esmolas na entrada da gruta. Além do registro iconográfico, o engenheiro também descreveu a experiência da visita ao interior do santuário:

A nossa visita ao santuário tinha-se realizado antes.

Eram 6 e meia horas da manhã, quando galgamos a escada que nos conduz ao átrio. Tocamos aí o sino como sinal de romeiro à porta e logo apareceu-nos o sacristão, que no-la abriu e por onde entramos na capela já ocupada por uma multidão andrajosa e chagada, homens, mulheres, meninos exibindo as suas disformidades, as suas úlceras, as suas misérias, pedindo, clamando atravessando o seu braço descarnado para nos tomar o passo, rogando, suplicando impertinente, incansavelmente (SAMPAIO, 1905, p. 58-59).

A descrição do engenheiro elucida para importantes aspectos que sinalizavam para a condição do Santuário da Lapa no último quartel do século XIX. Primeiramente, com a ausência de sacerdotes. O espaço sagrado encontrava-se sob a tutela de homens leigos, vinculados às irmandades, no qual o sacristão acabava por se tornar a figura central da administração do templo e dos devotos. O segundo ponto a ser considerado é a descrição do elevado contingente de romeiros que já se encontravam na capela ainda nas primeiras horas da manhã, em um período no qual não havia romaria (que ocorriam nos meses de agosto, devotada ao Bom Jesus e em setembro, em homenagem à Nossa Senhora da Soledade). Isso pode ser entendido como um indício do elevado contingente de romeiros que se deslocavam continuamente para o santuário.

Também chama a atenção a descrição realizada acerca dos romeiros, ao ressaltar os corpos deformados, as chagas e as úlceras. Assim como ele havia descrito os retirantes da seca que se encontravam em Penedo, os romeiros de Bom Jesus da Lapa foram registrados como fragmentos de humanidade, corpos corroídos pelas enfermidades e pela miséria, que clamavam o auxílio do sagrado e as esmolas dos devotos. A Lapa foi apresentada por Teodoro Sampaio como uma joia da fé, com a sinceridade da devoção do povo e da presença da misericórdia divina manifestada pelas obras da natureza:

Deixei a Lapa convencido de que se tudo aquilo era um inestimável tesouro de piedade e de crença, também era um testemunho da divina

misericórdia, mantendo ileso a fé num reduto de sinceridade inacessível aos botes de toda essa miséria humana (SAMPAIO, 1905, p. 60).

Apesar de considerar o espaço em sua dimensão sagrada, reconhecida pela devoção das camadas populares, ele também ironizou os abusos do poder exercidos por autoridades políticas locais, que impediam a elevação do santuário à paróquia ou até mesmo a presença do clero. As esmolas deixadas ao Bom Jesus da Lapa eram alvo de intensas disputas, que repercutiam diretamente na indicação de homens de confiança para o cargo de sacristão.

Na Lapa informaram-nos que as rendas do santuário eram avultadas, que as suas riquezas eram grandes, ainda que andassem as coisas um tanto diminuídas nos últimos anos pela escassez das esmolas, pelo pequeno número dos peregrinos, e principalmente, diziam-nos, por não serem poucos os que comiam e viviam deltas.

Não sabemos se com real fundamento, se por maledicência, acusavam os procuradores, zeladores e sacristães que delapidavam a fortuna da capela, que de tudo dispunham e enriqueciam.

As humildes funções de sacristão eram objeto de luta e de cobiça dos magnatas da terra. — uns coronéis daqui, dizia-nos malicioso informante, vivem a *fazer política* para guardarem para si essas funções, razão por que dificilmente aqui para um capelão, não se tolerando a presença do vigário. Contou-nos então por que motivo o lugar, apesar de populoso, nem sequer se levava à paróquia e muito menos à vila. — Essa gente não quer fiscais, dizia, não querer prestar contas a ninguém. — A coisa assim mesmo é que serve... porque, não só dá para viver a muita gente como até dá para se fazer em eleições... (SAMPAIO, 1905, p. 60).

Na escrita de Teodoro Sampaio, os guias foram transmutados em informantes que denunciavam os abusos de poder no santuário, com as disputas entre coronéis para impor nomes para ocupar os cargos das irmandades leigas e controlar as rendas oriundas das romarias. O cenário pintado pelo engenheiro corresponde aos conflitos que no emergir do regime republicano seria tencionado com as ações da Arquidiocese da Bahia em controlar o santuário com a entrega do santuário aos religiosos estrangeiros. No tempo de Teodoro Sampaio, o santuário encontrava-se desprovido do poder jurídico, civil-

administrativo e até mesmo eclesiástico. Tratava-se de um reduto sob a tutela dos coronéis.

Além dos problemas políticos que adentravam o controle administrativo do santuário, Teodoro Sampaio também ressaltou a sua impressão no tocante ao ingresso no templo. A partir do momento que ele passa a descrever o seu ingresso na igreja, o relato passa a expressar uma maior interlocução com a experiência sensorial e uma interpretação que reafirmava uma conotação subjetiva. No Santuário do Bom Jesus da Lapa Teodoro Sampaio se revelava como católico praticante, sensibilizado com a força da natureza e a mística dos promesseiros:

Logo ao entrar, o efeito que experimenta o visitante é extraordinário e emocionante. O espectador entra logo em trevas a dois passos da entrada, mas divisa logo, no fundo da gruta, iluminados por uma luz discreta, que entra por uma fresta envidraçada á direita, os três altares dourados, mas singelos onde estão as imagens, e 110 meio a do crucificado *Senhor Boni Jesus da Lapa*, consolo e remédio dos que creem e dos que têm fé.

Experimenta-se uma certa e irreprimível emoção; sente-se uma impressão de frio á medida que se avança; percebe-se que estamos pisando no úmido; caminha-se por entre poças d'água milagrosa que pinga vagarosa e incessante das pontas de estalactites que se projetam da abóbada negra da caverna e por fim começam-se a divulgar melhor os objetos em torno: à esquerda, um púlpito, o confessionário, os milagres representados em cera e pendentes da parede retocada, o cofre de ferro onde um letreiro indica a espécie da moeda a depositar-se (*cobre, papel*), o altar de Nossa Senhora das Dores; à direita, veem-se empilhados alguns tijolos para revestir o chão, os mesmos votos ou milagres de cera, as portas e janelas envidraçadas abertas na rocha, a sacristia e um outro altar (SAMPAIO, 1905, p. 59).

No interior da gruta transmutada em capela, a natureza galgava outro sentido, sendo reinventada como símbolos de milagres e dotada de poderes miraculosos. A água que pingava do teto enegrecido era sagrada. As grutas passavam a ser usadas como capelas, com oragos como Nossa Senhora das Dores e Bom Jesus da Lapa, o Cristo crucificado que atraia a atenção de romeiros. Ele também registrou as ofertas deixadas

pelos romeiros, tanto em dinheiro, cada vez mais escasso em decorrência da grande seca, quanto em ex-votos, pensados pelo engenheiro como “milagres pendurados nas paredes”.

O texto, anteriormente reduzido por uma descrição sucinta e técnica, passava a ser provido de adjetivações que mobilizavam as sensibilidades. O ingresso na gruta possibilitava que o visitante experimentasse uma sensação “extraordinária e emocionante” por meio do jogo de luz, com a claridade externa que cessava, as trevas da gruta e os pontos de luz que adentravam pelas vidraças a iluminar os altares. Ele também destacou que ao palmilhar o santuário sentia-se certa e irreprimível emoção, com o frio da caverna e o piso úmido. Essa confluência de sensações progredia nas imediações dos altares.

No fundo, o altar-mor, dourado e rico, tem ao lado uma pequena porta que dá para uma galeria estreita e mais baixa, de certo, o extremo obscuro da capela primitiva que ficou sem aplicação.

A imagem milagrosa, objeto da universal veneração deste povo, não é grande, mede cerca de quarenta centímetros de altura, e é um crucifixo não sei se de barro, se de madeira, mas que se diz achar-se nas mesmas condições em que foi aqui encontrado e venerado pelos primeiros devotos, há quase duzentos anos.

Os companheiros de viagem, muitos deles protestantes, não puderam negar o efeito surpreendente e emocionante do santuário do *Bom Jesus da Lapa*.

A fé o proclama, a natureza prodigiosamente o serve (SAMPAIO, 1905, p. 59-60).

Teodoro Sampaio reafirmava a sacralidade do espaço a partir das sensações mobilizadas pelas pessoas que o visitava. Em suas palavras, a natureza era redefinida como uma experiência sacra, que poderia ser percebida tanto por católicos, como o próprio autor, assim como por pessoas de outros credos, como os engenheiros estrangeiros que professavam a fé protestante e relatavam a emoção de estar ali. Em relação à imagem, ele contrapôs o tamanho diminuto da escultura à fé e veneração de seus devotos. O Bom Jesus da Lapa era alvo da veneração universal “deste povo”. Era o santo predileto dos sertões, achado nas grutas às margens do rio São Francisco, como se fosse o sinal do sagrado que teria escolhido proteger a população ribeirinha. Era a fé do povo sertanejo que proclamava a devoção ao Bom Jesus. Neste cenário sagrado e miraculoso, a natureza exercia o prodigioso papel de servir.

Considerações finais

Neste artigo mobilizei uma leitura acerca de uma das mais relevantes viagens científicas realizadas no Império do Brasil no último quartel do século XIX, com a Comissão Hidráulica Imperial. Essa viagem tinha a finalidade a identificação dos problemas dos portos e dos rios navegáveis do país, bem como a proposição de possíveis soluções e a qualificação dos engenheiros brasileiros a partir das práticas de intercâmbio efetivadas ao longo das viagens. Foi nesta viagem empreendida entre 1879 e 1880 que Teodoro Sampaio realizou o levantamento que resultaria na escrita de seu livro-diário sobre o rio São Francisco e as experiências sensoriais vivenciadas no Santuário de Bom Jesus da Lapa.

O texto acionado como fonte principal elucida algumas características que sinalizam para o afastamento entre o desconhecido pesquisador que foi a campo, nos idos de 1879 e o autor renomado que publicou o livro em 1905. Em um quarto de século o engenheiro havia consolidado o seu nome nas sociedades e academias científicas de seu tempo, investido na constituição de redes de sociabilidades e publicado inúmeras contribuições históricas nas revistas de institutos históricos. O livro reverbera as inquietações de um intelectual na maturidade, que aciona as anotações da juventude para fomentar a formação cívica das novas gerações.

De igual modo, a constituição de comissões no âmbito imperial era alvo de controvérsias. Se por um lado essa ação era entendida como uma estratégia de revelar o interior do Brasil a partir do olhar científico, por outro, a presença constante de estrangeiros dirigindo as comissões sinalizavam para um demérito dos intelectuais brasileiros entre as autoridades políticas. As comissões eram também vistas como ações aparatosas, controladas por profissionais que pouco desejavam contribuir para a proposição de soluções dos problemas nacionais. Eram ações que replicavam os efeitos dos fogos de artifício, que criavam impacto imediato, mas desprovido de repercussão.

Todavia, os registros produzidos no diário de Teodoro Sampaio elucidaram a constituição de um santuário visto pela lente de um engenheiro. Um homem de ciência que forjou a descrição dos aspectos geológicos da terra sagrada, que subiu o serrote e anotou sobre a flora da localidade. Era também o registro de um homem pobre, negro, nascido no jugo do cativo e que se sensibilizava ao encontrar a população flagelada pela seca, retirantes que se deslocavam para o litoral, pobres dilacerados que buscavam

as bênçãos do Bom Jesus e as esmolas dos devotos. Por fim, Teodoro Sampaio era o católico que expressou as suas emoções ao contemplar a imagem do Senhor Crucificado, o Bom Jesus da Lapa, na gruta que servia como “um santuário e um prodígio da natureza”

Referências

ABREU, M.; XAVIER, G.; MONTEIRO, L.; BRASIL, E. Apresentação. In: ABREU, M.; XAVIER, G.; MONTEIRO, L.; BRASIL, E. (Orgs). *Cultura negra: trajetória e lutas de intelectuais negros*. Niterói-RJ: EDUFF, 2018, p. 1-13.

A PROPÓSITO. A propósito da comissão hydraulica. In: *Gazeta de Notícias*. N. 51, 20 de fevereiro de 1879, p. 4.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. Teodoro Sampaio e Rui Barbosa no tabuleiro da política: estratégias e alianças de homens de cor (1880-1919). *Revista Brasileira de História*. vol. 35, N. 69, 2015, p. 83-99.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jena-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

COSTA, Ivoneide de França. *Comissão Hidráulica do Império (1879-1880): profissionalização e técnica de serviço dos melhoramentos no século XIX*. 290f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2013.

COSTA, Ivoneide de França. *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina nos desenhos de Theodoro Sampaio*. 176f. Dissertação (Mestrado em Ensino Filosofia e História das Ciências). Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

COSTA, Luiz Augusto Maia. *O ideário urbano paulista na virada do século, o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903)*. São Carlos-SP: RiMa, 2003.

JESUS, Marcus Henrique de Oliveira de. Theodoro Sampaio e a geografia: esboço de uma história contextual de sua trajetória e produção técnico-científica. *Geo-UERJ*. n. 35, 2019, p. 1-29.

LIMA, Arnaldo do Rosário. *Teodoro Sampaio: sua vida e sua obra*. 158f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador, UFBA, 1981.

OLIVEIRA, Keila Márcia de. Juazeiro, o empório do sertão na visão de Teodoro Sampaio. In: FREIRE, Alberto. *Culturas dos sertões*. Salvador: Edufba, 2014, p. 179-187.

OS EDITORES. Aos jovens leitores. In: SAMPAIO, Theodoro. *O Rio de São Francisco: trechos de um diário de viagem e a Chapada Diamantina (1879-1880)*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1905, p. XI-XIII.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2^a. Ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ROBERTS, William Milnor. *Autobiography*. Philadelphia, 1866.

ROBERTS, William Milnor. *Relatório da Comissão Hydraulica sobre o exame do Rio de São Francisco, desde o mar até a cachoeira de Pirapora*. Rio de Janeiro, 1880.

SÁ, Alcindo José de. Teodoro Sampaio: um precursor da criação simbólica do Nordeste? *Revista de Geografia*. Vol. 35, n. 5, 2018, p. 1-15.

SAMPAIO, Teodoro. *O rio São Francisco e a chapada Diamantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAMPAIO, Theodoro. *O Rio de São Francisco: trechos de um diário de viagem e a Chapada Diamantina (1879-1880)*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1905.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: Instituto Goiano do Livro, 2000.

SANTANA, José Carlos Barreto de. Introdução In: SAMPAIO, Teodoro. *O rio São Francisco e a chapada Diamantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTANA, José Carlos Barreto de. Os engenheiros Euclides da Cunha e Teodoro Sampaio. *Jornal UNESP*. 2009.

SANTOS, Ademir Pereira dos; CARLOS, Rosa Matilde Pimpão. Teodoro Sampaio e a primeira base geodésica do Brasil. *Terra Brasilis*. N. 8, 2017, p. 1-12.

SANTOS, M. F. J. “Maior somma de factos históricos, elucidados com mais methodo”: Américo Braziliense e a invenção do espaço paulista na escrita da história escolar (1873-1879). *Almanack*. N. 29, 2021, p. 1-51.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Aos píncaros da serra, invadindo o sertão: Teodoro Sampaio e a invenção do limite meridional do Brasil na Revista do Instituto

Histórico e Geográfico de São Paulo (1896-1912). *Revista Estudos Históricos*. Vol. 35, n. 77, 2022, p. 1-21.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. O flagelo dos homens de bem: Antônio de Souza, fazeres científicos, abolicionismo e civilização no Brasil nos oitocentos. *História da Historiografia*. Vol. 13, n. 34, 2020, p. 137-172.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 231-270.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.